

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

FERNANDO SATORU WROBLEVSKI HIRATA

**O CRONISTA TARDIO: A HISTÓRIA NAS CRÔNICAS DE OTTO LARA RESENDE
PUBLICADAS NA FOLHA DE S.PAULO**

CURITIBA

2019

FERNANDO SATORU WROBLEVSKI HIRATA

**O CRONISTA TARDIO: A HISTÓRIA NAS CRÔNICAS DE OTTO LARA RESENDE
PUBLICADAS NA FOLHA DE S.PAULO**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

O CRONISTA TARDIO: A HISTÓRIA NAS CRÔNICAS DE OTTO LARA RESENDE
PUBLICADAS NA FOLHA DE S.PAULO

Por

Fernando Satoru Wroblevski Hirata

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Orientador

Profa. Dra. Maurini de Souza
Membro titular

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

O Dalton Trevisan, quando me manda um original, só faz um pedido: “Otto, seja cruel”. Eu costumo pedir aos meus filhos para me policiarem. Sejam cruéis. Aí outro dia a Cristiana me advertiu: “Pai, cuidado. Você está muito reminiscente. Pare de falar no Getúlio”. Fiquei de crista baixa. Mas é isso mesmo. Depois de certa altura, a gente traz o cadáver do passado amarrado ao pé. Ou ao coração. É um cadáver muito sensível. Se o tocam, exala lembranças pelos poros. [...] Me desculpem a meninada da Folha e o público jovem, mas sou mesmo um poço de reminiscências.

(Otto Lara Resende, 1991)

RESUMO

HIRATA, Fernando S. W. O cronista tardio: a história nas crônicas de Otto Lara Resende publicadas na Folha de S.Paulo. 2019. 36 f. Monografia (Especialização Em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de pós-graduação, Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2019.

O presente estudo trata do escritor Otto Lara Resende (1922-1992) e sua produção de crônicas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* iniciada em 1991. Como jornalista, o escritor testemunhou diversos momentos da história brasileira do século XX e entrevistou figuras públicas. A presente análise busca a presença da história em suas crônicas e apontar de que forma ela aparece nos escritos. Também é abordada a relação da crônica com o registro histórico e o debate historiográfico sobre como escrever a história.

Palavras-chave: Literatura. História. Crônica. Otto Lara Resende.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A CRÔNICA E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA.....	9
3 REGISTRO DA HISTÓRIA: A BUSCA POR NOVAS FORMAS.....	15
3.1 NOVA HISTÓRIA E A CRÔNICA.....	17
4 O CRONISTA TARDIO	22
4.1 OTTO E O CONVITE DO JORNAL	23
5 AS CRÔNICAS.....	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
REFERÊNCIAS.	36

1 INTRODUÇÃO

A crônica é um gênero que fez parte da carreira de uma grande quantidade de nomes da literatura brasileira. Diversos autores – como José de Alencar (1829-1877), Machado de Assis (1839-1908), Lima Barreto (1881-1922), Oswald de Andrade (1890-1954), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Nelson Rodrigues (1912-1980), Rubem Braga (1913-1990), entre outros – conciliaram suas trajetórias literárias com a escrita de crônicas. Dessa forma, nota-se que um gênero que talvez já tenha sido visto como algo menor, algo secundário, também fez parte da obra de importantes vultos da literatura produzida no Brasil.

A relação da crônica com o jornalismo é inegável, da mesma forma que os escritores citados, e tantos outros, muitas vezes mantiveram ocupações na imprensa brasileira – seja como cronistas, como repórteres ou editores – junto com a escrita de romances ou poemas. Um exemplo é o escritor Otto Lara Resende (1922-1992), nome não tão celebrado como outros escritores brasileiros, teve uma trajetória bem peculiar. Mineiro, fez parte de uma geração – capitaneada por Drummond – de nomes daquele estado que se instalaram no Rio de Janeiro, local onde viveram, ganharam maturidade, produziram e presenciaram uma enorme efervescência cultural na então capital federal.

Resende, com menos de 20 anos, já estava envolvido com atividades jornalísticas e não parou desde então, passando pelos mais importantes jornais brasileiros, que se concentravam no Rio de Janeiro, como o *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Última Hora*. Nesses veículos, teve a oportunidade de conviver com diversas situações peculiares. Uma delas foi o contato, por meio da profissão, com figuras importantes da história brasileira do século XX. Para citar alguns: Getúlio Vargas (1882-1954), Carlos Lacerda (1914-1977), Juscelino Kubitschek (1902-1976), Jânio Quadros (1917-1992). E, por conseguinte, vivenciar importantes momentos históricos em que esses personagens atuaram.

Esse é um ponto importante, pois como cronista no jornal *Folha de S.Paulo*, em 1991, Otto Lara Resende usou a crônica para falar de diversos assuntos e temas. Entre eles estava a história. A proposta deste estudo, portanto, foi observar – dada a biografia do escritor – como essa história apareceu em seus textos: resgate de fatos da história política brasileira, o tom memorialístico ao resgatar personagens da vida pública que conheceu, a análise crítica do então governo federal ao traçar

paralelos com o passado, além de desfiar sua própria trajetória pessoal e profissional junto a esses momentos históricos e trazer em diversos momentos o viés curioso da história brasileira desconhecida por muitos. Todas essas possibilidades aliadas a um texto escrito com muito apuro, como convém à figura perfeccionista de Resende que tem como fato marcante a mania de ter passado a vida reescrevendo suas obras literárias. Não se pode confundir, porém, essa preocupação com uma escrita rebuscada. O escritor buscava fazer jus à linguagem simples – como a conversa cotidiana – que fez o sucesso da crônica no século XX.

Também foi explorada brevemente no estudo, a relação do gênero crônica com a história. Um exemplo disso está nos seus estágios mais embrionários – como exemplo, as crônicas que contavam a história dos reis portugueses que foram cuidadosamente registradas e apuradas pela figura de Fernão Lopes, responsável também pelo arquivo da Torre do Tombo. Além disso, também foi comentado o debate da historiografia sobre novas formas de se registrar e escrever a história: uma escrita mais fluída, mais acessível, flertando – talvez – mais fortemente com a literatura e suas narrativas e personagens. A crônica pode ser uma forma, de se levar ao leitor a história brasileira, por exemplo, unindo a função informativa e didática com a linguagem simples, acessível e agradável.

A cada acontecimento que se fica sabendo pelos jornais e noticiários, mais se torna importante não perder o senso crítico e voltar as atenções para a trajetória de uma noção na tentativa de olhar de forma mais sóbria para os fatos e tentar entender as razões de certas situações se repetirem. Essa é uma das possibilidades ao se mergulhar na leitura de diversas crônicas do cronista tardio Otto Lara Resende.

2 A CRÔNICA E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA

Ao buscar discorrer sobre o gênero crônica, uma associação esperada é sua ligação, quanto ao tema, com o cotidiano. O dia-a-dia é – e foi – fonte de assunto para diversos textos dessa seara: uma borboleta que passeia pela cidade, o pai e a filha no restaurante, uma aula de inglês, uma família que celebra o aniversário da filha, a viúva que vai à praia. Estes são apenas alguns exemplos de olhares voltados para a vida rotineira que alimenta a crônica.

Ainda sobre o cotidiano, vale lembrar a fala do poeta – e também cronista – Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), em entrevista de 1984, ao jornalista Roberto D'Ávilla que, de forma bem humorada, fala da relação – um tanto inesperada – da crônica com o registro de um momento:

Eu vou citar um caso mínimo do meu livro, não tenho nenhuma pretensão de ajudar a história, mas de qualquer maneira são coisas que servem para compreensão do nosso tempo. Há um momento aí em que eu falo numa moça em que eu encontrei no frescão – o ônibus mais sofisticado com ar condicionado e que às vezes tem música, né? – [...] encontrei ao meu lado sentada no frescão uma moça que estava comendo uma espiga de milho. Ora, essa coisa seria impensável no Brasil de digamos 20 anos atrás, uma moça arrumada de classe médica, discreta jamais ousaria comer uma coisa em público, outra coisa, ela não ofereceu - o que é próprio do meu tempo de moço, era impossível comer uma coisa sem oferecer a quem estivesse presente [...] isso desapareceu porque realmente hoje em dia as pessoas não se conhecem mais [...] (TV CULTURA DIGITAL, 2011).

É possível notar no depoimento, que a crônica nesse caso serve de registro e pode fomentar debates sobre a tal mudança de comportamentos e costumes que o poeta menciona. Talvez esse gênero seja o mais apropriado para tais questões cotidianas aparentemente banais, mas que se vistas em retrospecto podem ser de extrema valia para o pleno entendimento de determinado período, por exemplo. O entrevistado continua:

De qualquer maneira, me agradou muito a placidez da moça comendo tranquilamente, ela debulhou a espiga calmamente durante o percurso. Então, eu cheguei a conclusão que essas coisas contadas assim que não tem nenhuma importância prática, não procuram impressionar a gente, não dizem respeito à problemas de câmbio, de mercado paralelo, de Diretas Já etc., essas coisas tem um sentido humano e ao mesmo tempo um sentido informativo da realidade em determinada época que ao meu ver pode justificar a crônica (TV CULTURA DIGITAL, 2011).

Nota-se nas palavras do poeta mineiro, tanto o viés do cotidiano mais simples como também um olhar histórico: a crônica como registro do factual que se tornará –

ou instantaneamente se torna – história. E também, a crônica como registro de algo já passado: um resgate da memória do que já se passou. Como afirma Drummond, “a crônica, embora não tenha aparência disso, é um auxiliar da história” (TV CULTURA DIGITAL, 2011). Isso porque a crônica talvez tenha ganhado um estigma de algo perecível, por tratar, em geral, do factual, do cotidiano, porém como visto muitas vezes, esses fatos, uma vez registrados, podem auxiliar a uma melhor compreensão das mudanças que o mundo apresenta.

Pode-se mencionar, por exemplo, os textos de João do Rio (1881-1921) que documentavam um Rio de Janeiro múltiplo – popular e, que ao mesmo tempo se modernizava na *Belle Époque* – e que serve, sem dúvidas, como fonte para se pesquisar e estudar tal momento da história brasileira.

Quanto a essa relação entre a crônica e a história/passado pode-se mencionar o crítico Davi Arrigucci Jr. que afirma:

Um leitor atual não pode dar conta desse vínculo de origem que faz dela [a crônica] uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo (ARRIGUCCI JR., 2001, p. 51).

Trata-se, portanto, de uma relação tênue entre a crônica que registra algo do cotidiano, mas que também pode se tornar em um meio de registro histórico ou funcionar como uma maneira de voltar ao passado: uma vez que resgatar a memória e a história pode ser uma fonte inestimável de assuntos e temas a serem explorados. Ainda segundo o crítico:

Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. Assim, a princípio ela foi crônica histórica, como a medieval: uma narração de fatos segundo uma ordem cronológica, conforme dizem os dicionários, e por essa via se tornou uma precursora da historiografia moderna (ARRIGUCCI JR., 2001, p. 51).

Tem-se assim a forte relação entre a crônica e o tempo, seja presente ou passado, e que se apresenta também como fonte de registro histórico. Ainda nas palavras crítico, tal relação já consta no próprio nome: “São vários os significados da palavra crônica. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*” (ARRIGUCCI JR., 2001, p. 51). Dessa forma,

talvez seja importante que se repense a ideia automática de simplesmente associar crônica com o factual, com o cotidiano. Não se nega que ela está fortemente atrelada ao dia-a-dia, mas não apenas. Trata-se de um gênero muito amplo para ficar em apenas um foco.

Nota-se dessa forma, que existe uma grande dificuldade em conceituar crônica. Percebe-se, assim, que a tarefa é um desafio pela existência de múltiplos significados. No entanto, em um olhar mais aprofundado, nota-se que a relação do gênero com a história – o passado, a memórias – é clara e vem desde sua longínqua origem.

O professor e pesquisador Jorge de Sá ao resgatar alguns dos primórdios da crônica menciona a chegada dos portugueses ao Brasil:

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento (SÁ, 2005, p. 5).

Assim, pode-se perceber novamente a relação da crônica – ou de um registro epistolar, que relatava algo factual, do momento – e que ganhou a mencionada importância de ser a “certidão de nascimento” brasileira (SÁ, 2005, p. 5). Sá defende o viés de crônica – com suas famosas características – nos escritos do escrivão Caminha:

[...] a observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem certa concretude. Essa concretude lhe assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial (SÁ, 2005, p. 6).

Ele também registra que, em sua visão: “A história da nossa literatura se inicia, pois, com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica” (SÁ, 2005, p. 7). Nota-se, portanto que ao buscar um conceito de crônica, o circunstancial mencionado por Sá se liga ao tempo, à memória e à história, mencionado por Arrigucci Jr., para garantir uma riqueza de possibilidades para o cronista. Escrever sobre presente é escrever sobre o passado, conta-se, portanto, com a passagem do tempo para mostrar mudanças, novos

comportamentos e novas formas de pensar - como lembrou Drummond em entrevista.

Vale mencionar também os escritos de Fernão Lopes (1380-1460). Lopes já era o guarda-mor da Torre do Tombo, o arquivo real com registros, documentos e escrituras do reino. Em 1434, ele foi nomeado cronista-mor do reino. E assim, registrou a história de diversos reis portugueses nas então chamadas crônicas. Uma nova abordagem foi escolhida para essas produções. Deixando de lado a tinta inventiva e ficcional buscou-se algo mais sério, mais apurado – elementos que podem ser relacionados com o fazer jornalístico ideal: buscar as informações, verificá-las e ordená-las, servindo assim como um registro o mais acurado possível dos fatos, nesse caso em um resgate e registro do passado. Assim, seriedade e sobriedade são dois elementos que podem ser destacados nos esforços de Lopes, um embrião possível do registro histórico em texto da história portuguesa.

Nas palavras da pesquisadora Ilka Laurito: “Decifrando o português arcaico, tomamos conhecimento de que a atribuição de Fernão Lopes era a de fazer o registro dos feitos dos antigos reis de Portugal até o reinado de D. Duarte. E de que esse registro era chamado de ‘caronyca’, ou seja, crônica” (BENDER; LAURITO, 1993, p. 12). Ainda sobre o assunto, Laurito registra essa importante, e longínqua, relação entre crônica e história:

A data de 1434 é um marco não só para a História como para a Literatura Portuguesa. E também para o gênero crônica: o cronista – que já vinha desde a Idade Média – passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica, matéria essa que deverá, de agora em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário [...] para ater-se aos fatos e à interpretação desses fatos (BENDER; LAURITO, 1993, p. 12).

Esse registro mais sóbrio é de grande valia para uma abordagem mais realista do que foi a História até então. E foi influente para a maneira que se desenvolveu, mais tarde, a historiografia. Ainda segundo Laurito:

A palavra crônica, no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos (BENDER; LAURITO, 1993, p. 12).

Portanto, nota-se que crônica e história estão ligadas desde períodos mais embrionários – e que séculos depois – ainda ecoa em crônicas e cronistas que

escrevem não só sobre o presente/factual, mas que também voltam ao passado/história/memória. Essa dinâmica pode ser encontrada em alguns dos grandes cronistas da história brasileira.

A crônica pode ter um leque variado de conceituações assim como de possibilidades no tocante aos temas – até mesmo a falta de assunto ou a própria crônica podem se tornar assuntos. Dessa forma, a volta ao passado, o resgate da história e da memória pode ser de grande valia no momento de se escolher o que escrever. Nas palavras de Arrigucci Jr.:

O cronista moderno, é claro, está mais perto dos fatos do dia do que da tradição oral ou histórica, como comentarista que é dos acontecimentos do cotidiano; mas de vez em quando retoma, por assim dizer, a persona de seus ancestrais. É sabido o fraco que Machado de Assis tinha pela prosa do cronista medieval português Fernão Lopes. E, à medida que a crítica avança no conhecimento de sua obra, vai-se vendo o quanto havia de penetração histórica numa simples crônica do velho bruxo, escrita com pena de ponta fina e malignamente irônica como tantas de suas melhores páginas de ficcionista (ARRIGUCCI JR., 2001, p. 54).

A história, a memória, enfim, o passado é elemento não apenas para Machado de Assis:

Nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade, é comum retornar um narrador rigoroso e preciso dos fatos históricos que faz lembrar o antigo significado da palavra, como já notou Antonio Candido. Outro caso parecido é o de Manuel Bandeira, sobretudo o das Crônicas da Província do Brasil, reunidas em livro em 1937. Ali o grande poeta se torna também um cronista à moda antiga. Começa pela evocação do passado colonial brasileiro numa longa crônica sobre Ouro Preto, como que levado pelo gosto de acompanhar o traçado arquitetônico das velhas casas intactas e dos sobradões de frontarias barrocas, preso ao encanto da cidade que não mudou (ARRIGUCCI JR., 2001, p. 54).

O crítico prossegue mencionando, ainda sobre o poeta Manuel Bandeira, um resgate também da memória: uma história oral de regiões tão peculiares como a já citada Minas Gerais e outras localidades ricas em trajetórias históricas e também nessa história humana, oral, cotidiana, que são passadas de gerações. Ainda segundo Arrigucci Jr.:

Mas encomprida o relato como um narrador oral, pela sucessão de histórias antigas, nascidas de gestos simples dos homens que construíram aquele mundo parado no ar do passado. [...] No fundo distante, o histórico e o ficcional se confundem, ao mesmo tempo que uma poesia inesperada espia através dos fatos da memória. É ainda como narrador da História que Bandeira prossegue, ao longo do livro, no resgate desse passado histórico,

aglutinando terras da Bahia, de Pernambuco, do Rio de Janeiro (ARRIGUCCI JR., 2001, p. 54).

Portanto, pode se ver na crônica a possibilidade de registro da grande história e da pequena história - ambas ricas e que podem ser registradas nesses escritos. Arrigucci Jr. também menciona que ao abordar o Rio de Janeiro em suas crônicas, Bandeira deixa, de certa forma, o registro do passado para retratar “um quadro vivo do Rio de seu tempo” (ARRIGUCCI JR., 2001, p. 55). Vale lembrar, o já mencionado ciclo que se forma, com a crônica de determinado período tornando-se um documento histórico para se entender de forma mais aprofundada ou quem sabe com os detalhes que passam despercebidos pelos registros mais sérios ou oficiais – fato observado nos esforços de João do Rio com seu Rio de Janeiro pitoresco e popular; e também na visão que Carlos Drummond de Andrade tinha sobre a função histórica da crônica para as décadas posteriores.

3 REGISTRO DA HISTÓRIA: A BUSCA POR NOVAS FORMAS

A relação entre crônica e história suscita também uma breve reflexão sobre o registro e a escrita dessa história. A memória, o passado e a história são elementos de suma importância, ainda mais em tempos de instabilidade política, escândalos e tensões. Isso se deve à necessidade de observar o passado, como tentativa, já diria a máxima, de entender o presente e buscar alguma esperança no futuro. Percebe-se, em um mundo em que se tem na Internet e nas redes sociais seus palcos de discussão e expressão de visões e opiniões, a necessidade do conhecimento da história – que muitas vezes é falha. Isso pode ser um sintoma de como a crônica pode contribuir, como já foi observado, como disseminador do conhecimento histórico ou para traçar relações entre o presente e o passado. Logicamente não se trata de uma escrita da história aprofundada, mergulhada em algo formal, acadêmico, mas sim, talvez, uma porta de entrada para conhecer de uma forma diferente a história.

Há um rico debate no que diz respeito à escrita da história. No tocante à forma de narrar essa história. Há diversas vertentes e mudanças apresentadas no decorrer das décadas. Mais próximo da atualidade está o debate que trata da busca de novas formas de se escrever a história. São válidas algumas breves considerações sobre o tópico. Para tanto, recorre-se ao historiador Peter Burke e ao que ele intitula de "narrativa tradicional versus narrativa moderna" (BURKE, 1992, p. 334).

Segundo o historiador, tal debate data dos anos 1960 nos Estados Unidos. A discussão deixa de lado o "escrever ou não escrever a narrativa" (BURKE, 1992, p. 334) para se ocupar com a busca pelo "tipo de narrativa a ser escrita" (BURKE, 1992, p. 334). Dessa forma, não poderia se deixar de tentar associar a escrita da história com o panorama literário de décadas passadas ou, quem sabe, o que então estava em voga, por exemplo. Burke cita Siegfried Kracauer como o pioneiro em sugerir que a leitura de obras de nomes como James Joyce (1882-1941), Marcel Proust (1871-1922) e Virginia Woolf (1882-1941), ao mexer com a linha temporal da narrativa e sua continuidade padrão, seriam "um desafio e uma oportunidade" (BURKE, 1992, p. 334) para os narradores históricos e para fomentar novas formas de escrever, fugindo o tão enraizado escrever com um padrão já conhecido.

Nesse debate também é relevante, como lembra Burke, os esforços de Hayden White ao mencionar que a produção da escrita histórica negligencia "as reflexões literárias de sua própria época" (BURKE, 1992, p. 335). Aqui se trata de observar e sentir o que de diferente a narrativa literária estava proporcionando - com os escritores europeus citados há pouco, como alguns dos exemplos - para tentar novos experimentos em outro tipo de narração: a dos fatos e acontecimentos da história. Possibilidades de se modificar, como mencionado, a linha narrativa ou o tempo dessa narração. Tem-se assim um embate entre o velho e o novo e, esse olhar para o novo busca, de certa forma, refletir criticamente sobre o que se vinha fazendo na escrita dessa história. Observar o novo e refletir o passado e o presente no que diz respeito ao registro da história. Poderia haver outras formas de apresentar esses fatos. Talvez diferentes pontos de vista, ou quem sabe múltiplos pontos de vista sobre determinados fatos históricos. Trazendo à tona, assim, o olhar dos diferentes atores envolvidos nas situações e acontecimentos históricos que estão sendo relatadas. Nas palavras de Burke: "[...] poderia ser possível tomar as guerras civis e outros conflitos mais inteligíveis, seguindo-se o modelo dos romancistas que contam suas histórias, partindo de mais de um ponto de vista" (BURKE, 1992, p. 336). Trabalhos dessa natureza podem enriquecer o fazer historiográfico ao buscar detalhes e informações que provavelmente poderiam não vir à luz em uma abordagem técnica diferente ou costumeira.

Outro exemplo citado por Burke é o estudo de Richard Price sobre o:

Suriname do século dezoito, na forma de uma narrativa com quatro "vozes" (simbolizadas por quatro padrões tipográficos); aquela dos escravos negros (transmitida por seus descendentes, os Saramakas); a dos administradores holandeses; a dos missionários moravianos; e, finalmente, aquela do próprio historiador (BURKE, 1992, p. 337).

Dessa forma, as diferentes visões de mundo dos atores envolvidos em determinado fato histórico podem ser contemplados. A tentativa é de evitar que a história tenha apenas um lado, como em diversas ocasiões são encontradas. Talvez uma democratização do que foi, realmente, a passagem que se quer registrar. Outro ponto interessante mencionado diz respeito à presença do narrador histórico no relato. Como explica Burke: "Os narradores históricos necessitam encontrar um modo de se tornarem visíveis em sua narrativa, não de auto-indulgência, mas

advertindo o leitor de que eles não são oniscientes ou imparciais e que outras interpretações, além das suas, são possíveis” (BURKE, 1992, p. 337).

Assim, tem-se o fator da história em si, o acontecimento, o momento, o fato e o olhar lançado sobre tais elementos. A história e suas versões a serem adicionadas nesse momento. O que varia conforme o tempo em que a história está sendo escrita, a trajetória desse narrador, por exemplo. A relação do responsável pela narrativa com o próprio fato histórico e seus atores é outro ponto relevante. O olhar torna-se outro quando o escritor da história teve contato direto ou indireto com seus personagens: nuances, detalhes, observações que passariam despercebido podem ganhar registro e destaque. Assim, a proximidade ou distanciamento dos acontecimentos pode influenciar no olhar sob o fato e no registro – o que se escreve/o que se escolhe não relatar, por exemplo. Talvez seja uma deixa para humanizar a história, deixá-la mais próxima, mais real, evitando o distanciamento que um relato pode trazer ao registrar figuras públicas, por exemplo, como indivíduos que não parecem humanos como o leitor está acostumado a perceber. Retratar tais atores, figuras poderosas, por exemplo, em seu aspecto mais mundano, mais próxima de uma realidade compartilhada pelo leitor.

3.1 NOVA HISTÓRIA E A CRÔNICA

O professor e pesquisador Renato Janine Ribeiro faz uma interessante reflexão do conceito de “nova história”, explicado por ele como “o nome que se difundiu, como rastilho de pólvora, desde que no começo dos anos 70 Jacques Le Goff e Pierre Nora organizaram três volumes decisivos em que discutiam novos objetos, novos métodos, novas abordagens do fazer história” (RIBEIRO, 1994, p. 7). Ele chama a atenção para esse novo movimento que fez sucesso por ter uma característica aparentemente banal, ou talvez esquecida em muitos escritos: “é gostosa de ler e por isso mesmo alcançou rápido e – até o momento – persistente êxito editorial” (RIBEIRO, 1994, p. 7). Tal fator, em verdade, é de extrema importância. A preocupação com o texto bem escrito, apurado e que almeja atingir seu público de forma fácil talvez seja um grande desafio. Tal característica já mostra a possível relação a ser feita entre a história, seu registro, a forma que é escrita e a crônica e suas características basilares: escrita simples, acessível; buscando, na maioria das vezes, um tipo de conversa entre o autor e o leitor.

Pode-se retomar a visão do crítico Antonio Candido sobre a relação entre a crônica e a simplicidade:

O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (CANDIDO, 1993, p. 24).

O crítico ainda acrescenta: “a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (CANDIDO, 1993, p. 24). Dessa forma, a experiência talvez descompromissada de analisar, por exemplo, alguma situação política ou um fato peculiar da atualidade, pode aliar uma tentativa de registro da história com as características do estilo da crônica: uma simples conversa com o leitor, contando para ele, como em uma conversa entre amigos, algum acontecimento, uma memória, em suma, talvez o relembando de algum fato passado.

Pode-se contar como em uma conversa, o mencionado encontro de Drummond com a moça que se alimentava dentro do transporte público. O fato fica para a posteridade como registro histórico, mas também a forma como tal fato foi contado – as duas frentes: o fato cotidiano que vira registro histórico de uma época e como o cronista decidiu contar essa história, levando em consideração as características da crônica, conforme mencionadas nas palavras de Candido. Usa-se uma linguagem simples, corriqueira, acessível: o objetivo é ser entendido, divertir, emocionar, fazer rir.

Portanto, não haveria espaço para grandiloquências verbais, linguagem rebuscada e um tom pomposo. Busca-se o simples e, dependendo do espaço que o autor tem disponível, o objetivo é ser direto, conciso, eficiente. Soma-se tudo isso a uma infinidade de possibilidades de temas e assuntos, como foi observado. No caso do escrever da história tudo isso mencionado é válido – linguagem, simplicidade, texto saboroso – e também o grande objetivo de aliar tais fatores com o tom informativo, didático – nas melhores acepções dos termos.

Ribeiro reitera essa relação entre “obras de qualidade científica que conseguem atrair um público amplo” (RIBEIRO, 1994, p. 12). Na crônica, não há pretensão de ser científico, termo que pode soar pesado perante a esperada leveza

desse texto, porém, pode atingir leitores de forma ampla. Nesse tocante, Ribeiro explica:

São raras, em qualquer área, as obras de qualidade científica que conseguem atrair um público amplo. Sem dúvida, no caso em pauta trata-se de um público qualificado, que poderíamos compreender como somando um público especializado, em menor número, e em bem maior dimensão um público leigo culto. A capacidade de impacto sobre esse público leigo culto é o traço que constituiu o sucesso editorial. Ou seja, o diferencial que produz o sucesso é a existência de um público culto, porém não especializado [...] (RIBEIRO, 1994, p. 12).

Vale lembrar, com essas palavras do pesquisador, que a localização da crônica pode ser algo a se levar em consideração. No caso da análise do presente trabalho, as crônicas estavam localizadas na segunda página do jornal *Folha de S.Paulo*, seção que traz análises que podem ser políticas e econômicas, além do editorial. Como explica, o escritor e um dos ocupantes do espaço, Ruy Castro:

A página 2, como sabem os leitores da Folha, é especial. Abriga os editoriais, uma charge e três colunas de opinião, estas sob as rubricas “São Paulo”, “Brasília” e “Rio de Janeiro”. É uma página séria, reservada à análise contundente e fundamentada da política, da economia e das instituições (CASTRO, 2008, p. 9).

Dessa forma, pode-se observar que a crônica, nesse caso específico pode servir como um oásis, um espaço de respiro para com a seriedade dos temas ali tratados – e porque não: da forma que são registrados – em comparação com o texto leve da crônica. Outro fator a se notar é o público interessado por tais temas e pelos escritos, dessa parte do jornal, em específico, e que podem ser atingidos pela crônica ali colocada. Ribeiro faz interessante observação nesse tocante ao destacar o fato de que esse público leigo culto, na verdade são “profissionais de outras áreas” (RIBEIRO, 1994, p. 12). Em suma, podem-se apontar alguns pontos interessantes. Buscar uma forma de escrever a história que seja acessível, que seja gostosa de ler e que, portanto, possa conseguir transmitir informações sobre determinado fato de forma leve. Ribeiro comenta essa leitura:

Assim, quem sabe a esse recorte – de ordem religiosa – entre a profissão e a laicidade se deva agregar outro, no qual o contraste com o primeiro não se fará mais pelo fato de se pertencer ao mundo leigo, mas pelo viés do lazer, do tempo livre, do *prazer* [grifos do autor]: o leitor leigo será, sobretudo, aquele que lê nova história no seu momento de folga, a fim de se deleitar; essa leitura constituirá, para ele, um *excesso*: algo que ultrapassa

os momentos das obrigações, para se constituir como um exercício de liberdade (RIBEIRO, 1994, p. 12).

Nesse ponto, pode-se novamente lembrar o compromisso da crônica com a linguagem simples, com a boa conversa, algo mineiro na forma de se contar uma história, um acontecimento, como explica Candido. Espera-se da crônica, algo que entretenha, que divirta, que distraia. Como mencionado, uma lufada de leveza em meio a uma grande quantidade de notícias de tom mais sério, grave, em sua maioria mostrando as faces mais pesadas do mundo.

A crônica pode, assim, ser esse veículo a trazer o prazer mencionado por Ribeiro. No entanto, como visto, pode-se somar a essa crônica o viés de registro de memórias, de fatos marcantes da história brasileira, que poderão vir ao conhecimento dos leitores de uma forma agradável. A crônica pode ser algo que suscite reflexão sobre a atualidade, ao mesmo tempo que traz um texto informativo, leve, muitas vezes contendo fatos curiosos da história e de seus atores. Ribeiro continua:

E haverá porém, neste lazer intelectual, um resultado fértil no plano da interação das áreas, daquilo que se costuma chamar interdisciplinaridade: pois, geralmente, só por prazer lemos aquilo a que não estamos obrigados. E portanto a saída do escaninho profissional estrito, revestindo-se de liberdade e de prazer, proporciona um encontro das disciplinas que, em seu princípio, se afasta do *esprit de sérieux*, para compor, ainda que pequena, ainda que no recesso do lar – até porque entre nós o trabalho de humanidades geralmente dá mais na casa que no prédio universitário -, uma festa (RIBEIRO, 1994, p. 12).

A crônica com seu jeito simples pode falar de tudo. E o cronista pode se aproveitar disso e, se bem sucedido, pode fazer com que essa história chegue a um grande número de leitores, das mais diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, a famosa interdisciplinaridade como na visão de Ribeiro. A necessidade de conhecer a história é inegável. A tentativa de relacionar crônica e o resgate da história pode ser, portanto, uma forma leve e descontraída de ver o presente e, quem sabe, notar que essa história muitas vezes se repete – com a sensação de que já se viu esse filme antes: muda-se os personagens, o tempo, mas em geral o desenrolar, por incrível que pareça, é o mesmo. Apesar de muitas vezes os tempos serem turbulentos de mais para algum tipo de esperança no futuro, a crônica pode ser uma grande aliada a uma melhor formação de cidadãos críticos e que possam enxergar além das aparências os meandros nem sempre dignos da política, da

economia, da sociedade. A crônica, podendo estar aliada ao resgate da história ou tratando de outros temas, pode contribuir para a festa mencionada por Ribeiro.

Parte-se dessas ideias para jogar luz a um jornalista e escritor mineiro que virou cronista no fim da vida. Em muitas de suas crônicas, ele usou o gênero para resgatar a história brasileira e, por conseguinte sua própria biografia, escrevendo muitas vezes em tom memorialístico. Tais elementos ajudaram a traçar paralelos e associações entre períodos da história, além de reforçar a visão crítica do período então vivido – os anos Collor – e do passado.

4 O CRONISTA TARDIO

Otto Lara Resende (1922-1992) iniciou sua função de cronista no jornal *Folha de S.Paulo* em 1º de maio de 1991. Permaneceu no posto até sua morte em 28 de dezembro de 1992. Escrevendo diariamente na página 2, o escritor pode colocar em seu espaço uma grande quantidade de assuntos e temas. Seja o verão no Rio de Janeiro, a burocracia da prefeitura, as filas para pagamento de contas, os pássaros, um gato desaparecido. Além disso, a realidade social, a situação política com a era Collor. Os amigos mineiros – Paulo Mendes Campos (1922-1991), Fernando Sabino (1923-2004) e Hélio Pellegrino (1924-1988) – como Resende também escritores são nomes recorrentes nos textos. Ainda no tocante à literatura têm-se ainda figuras como Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

Tudo escrito com elegância, cuidado, estilo e humor. É notável a busca do escritor mineiro pela perfeição ou o mais próximo disso possível: ficou marcado o fato de Otto Lara Resende passar décadas retrabalhando obras já lançadas, como por exemplo, o romance *O Braço Direito* (1963). E também seus esforços para que novas edições de suas obras não fossem lançadas.

Mineiro de São João Del Rei (MG), o escritor passou por diversos veículos da imprensa como o jornal *A Noite*, *Última Hora*, *Correio da Manhã*, revista *Manchete*, *Jornal do Brasil*, além de cargos na *Rede Globo* – onde apresentou um programa de entrevistas. Apesar de uma vida dedicada à imprensa – com reportagens, perfis, cargos de chefia – sua chegada à *Folha de S.Paulo*, já no fim da vida, marcou uma colaboração especial por se tratar de um novo gênero, a crônica, e por ser diariamente.

O fato de escrever todos os dias no jornal mostrou a necessidade de se buscar assuntos, como visto, dos mais diversos. Algo que também vale menção é a abertura do seu baú de memórias pessoais – que em diversos momentos se confunde com a história do Brasil. Pode-se dizer, portanto, que ao falar da trajetória brasileira em diversos momentos Otto Lara Resende também fala de sua própria trajetória. O cronista teve relações estreitas com alguns políticos, um exemplo é Jânio Quadros. Como jornalista por praticamente toda vida, em diferentes níveis de proximidade teve contato, entre outros, com Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Como explicita o jornalista Benício Medeiros, autor de um perfil biográfico sobre Resende, ao contar sobre relação do cronista mineiro com a história brasileira:

[...] talvez não tenha havido outro jornalista seu contemporâneo que tenha vivido tanto o seu tempo, registrado e comentado tantos fatos, conhecido tanta gente, participado tanto da vida brasileira quanto Otto Lara Resende. Não houve assunto realmente importante que tenha escapado à sua área de interesse (MEDEIROS, 1998, p. 18).

Assim, o escritor se destaca pelo conhecimento dessa história, seja como testemunha próxima, seja pelo contato indireto, ainda assim privilegiado por estar sempre em cargos da imprensa. É nessa relação entre o presente e o passado, história e memória – que se propõem a breve análise de algumas crônicas que possam ilustrar essa dinâmica e também mostrar a relação dos textos com uma forma diferente de se recuperar e ao mesmo tempo registrar o passado nacional.

4.1 OTTO E O CONVITE DO JORNAL

A década de 1980 foi um período especial na vida de Otto Lara Resende. No final de 1983, uma mudança marcou profundamente o escritor e ecoou nos anos seguintes: sua demissão da *Rede Globo*. Como relata o Medeiros: “Os motivos da queda repentina de Otto do alto do império global são desconhecidos na sua totalidade” (MEDEIROS, 1998, p. 121). Medeiros também registra o efeito que esse acontecimento teve na vida do veterano Resende: “O fato é que Otto, conforme depoimento da viúva, Helena, ficou abatidíssimo com a sua saída da Globo, onde trabalhou durante dez anos” (MEDEIROS, 1998, p. 121). Seu desligamento da emissora deu início uma fase de recolhimento, reflexão, melancolia. Um símbolo desse período foi a barba branca que o escritor mineiro começou a cultivar. Em entrevista, de 1984, ao jornal *Folha de S.Paulo* citada por Medeiros, Otto Lara Resende comenta a mudança no visual:

‘Fazia pouco mais de um mês que eu havia deixado a TV Globo, estava desempregado, e me perguntei: o que um homem que chegou à indecorosa idade de 60 anos pode fazer em 1984? Foi então que decidi deixar a barba crescer. Entendi que deixa-la crescer marcaria alguma coisa na minha vida. Foi como botar uma pedra branca. Sempre tive grande admiração por pessoas que se reinauguram, que têm coragem de começar tudo de novo. No fundo, esta barba representa a reinvenção de um ideal adolescente de libertação’ (MEDEIROS, 1998, p. 125).

Interessante notar que o período marcou certa busca por parte do autor por mudanças. O que resta fazer, o que haveria de novidade, de estímulos para esse

experimentado jornalista que, como mencionado, a própria biografia se relaciona em muitos momentos com a história brasileira. Mudanças na realidade social brasileira impactaram Resende:

Assaltos, crianças mendigando nos sinais, tiroteios entre traficantes, balas perdidas matando inocentes. Mais de uma vez Otto teve oportunidade de expressar sua perplexidade e indignação ante as grandes tragédias nacionais deste final de século (MEDEIROS, 1998, p. 126).

Dessa forma, é nessa fase tão peculiar – de reflexões e de um sentimento de estranheza consigo e com o mundo que um novo período irá se iniciar: o convite da *Folha de S.Paulo* para se tornar cronista da publicação.

O jornal já havia feito algumas sondagens para ter Otto Lara Resende em seu time durante anos anteriores. Após isso, a publicação retomou o convite no primeiro semestre de 1991, influenciada por mudanças na equipe. Como relembra o jornalista e cronista Humberto Werneck, a “saída de Newton Rodrigues, um dos titulares de sua página 2, o jornal ficou sem colunista no Rio” (WERNECK, 2011, p. 420). Ainda segundo Werneck:

Não foi tarefa simples, lembra-se o jornalista e editor Matinas Suzuki Jr., editor-executivo da *Folha* naquele dia de abril de 1991 em que tomou a Ponte Aérea e foi bater na porta de Otto Lara Resende, no bairro da Gávea. [...] Com a intercessão de outro veterano jornalista, seu amigo Jânio de Freitas, o papo [com Otto Lara Resende], e Otto aceitou convite para almoçar com Matinas num restaurante do Jardim Botânico, no que foi, para o jovem editor-executivo da *Folha*, ‘uma das tarefas mais agradáveis’ que o jornal já lhe havia confiado (WERNECK, 2011, p. 420).

Ainda havia por parte de Resende alguma resistência em concordar, nas palavras de Werneck, o escritor “argumentava, por exemplo, que se sentiria pouco à vontade na sisuda página 2 da *Folha de S.Paulo*, território então exclusivo da política e da economia. Matinas explicou que o jornal pretendia, exatamente, injetar ali novos temas, abrir uma janela inesperada na aridez daquela página” (WERNECK, 2011, p. 420). No entanto, o escritor mineiro já estava convencido: “suas derradeiras resistências estavam vencidas quando dias mais tarde, ainda em abril, se bateu o martelo, durante um almoço, dessa vez em São Paulo, na sede do jornal” (WERNECK, 2011, p. 421).

Interessante notar – e também relacionar com a situação que Otto Lara Resende se encontrava nos anos anteriores – que o início de sua colaboração como

cronista na *Folha de S.Paulo* trouxe o oxigênio que faltava ao escritor. A primeira crônica, de 1º de maio de 1991, intitulada “Bom dia para nascer”, segundo Medeiros, “podia se chamar ‘Bom dia para renascer’”. Esta sua derradeira missão vai rejuvenescê-lo, alegrá-lo, mudar inteiramente a sua rotina” (MEDEIROS, 1998, p. 130). Percebe-se, portanto, que foi com a crônica que uma nova fase profissional se inicia para o escritor, porém, mais do que novidade nesse aspecto, trata-se de uma nova fase pessoal para Resende.

Talvez fosse o momento e também a maneira de passar em revista sua trajetória, suas memórias, a história do Brasil, além dos mais variados temas – mais amenos e descontraídos, que abordou. Soma-se a isso as transformações, costumes, problemas sociais, violência, que como mencionado, tanto o impactaram. É um olhar especial para um Brasil diferente comparado com o de outras décadas brasileiras e da própria vida de Otto Lara Resende. A própria produção literária do autor, com forte tom realista, cru, tem um tom memorialístico ao resgatar o interior de Minas Gerais, com seus personagens pitorescos, os cenários, as cidadezinhas, os costumes – enfim, muito dos elementos que fizeram parte da criação e do desenvolvimento em sua fase mais inicial da vida. Nota-se lhe é caro, por meio da escrita, a memória, o resgate, revisitar o passado e relacionar com o presente. Seja a vida, sua trajetória, seja o Brasil tão mudado.

Em suma, essa é a sua fase final, e também um momento de buscas. Na já mencionada entrevista de 1984, o escritor na tão reflexiva fase que se encontrava usa palavras como “reinaugurar”, “reinventar”, “começar tudo de novo”. Em suma, levando-se em conta todo esse contingente de elementos biográficos, seu papel de cronista diário torna-se ainda mais especial.

5 AS CRÔNICAS

A crônica “Bom dia para nascer” (01/05/1991) foi o primeiro texto publicado nessa fase do escritor na imprensa. Ao se apresentar, ele mostra que nasceu no mesmo ano de diversos eventos e marcos históricos como o Centenário da Independência, o ano do Tenentismo, a inauguração do rádio no Brasil, entre outros. O humor também é marca do autor, ainda mais se tratando da sua própria idade: “Suspeito que só eu e o rádio estamos funcionando neste mundo povoado de jovens. Mas juventude tem cura. Eu também já fui jovem. É só esperar” (RESENDE, 2011, p. 14). A partir disso, o texto busca resgatar a origem do Dia do Trabalho relatando os acontecimentos da greve de Chicago (1886) e a chegada da data ao Brasil (1893), para depois como conta Otto Lara Resende: “Em 1949, finalmente, a data virou lei. Lei e feriado” (RESENDE, 2011, p. 14).

Em poucas linhas da crônica percebe-se a quantidade de informações que vão sendo desenvolvidas e fornecidas. Do primeiro de maio chega-se ao mês de maio que na visão do escritor mineiro é “Mês de Maria, mês das noivas, mês de flor-de-maio, maio sugere pureza e céu azul” (RESENDE, 2011, p. 14). Após lembrar-se dos aniversariantes de 1º de maio – José de Alencar e Afonso Arinos – mais humor ao mencionar a carta de Caminha:

Não será mera coincidência a data da certidão de nascimento do Brasil. A carta de Pero Vaz de Caminha é de 1º de maio de 1500. Como o Brasil também é Touro, esá difícil de pegá-lo à unha. Mais poeta que escrivão, Caminha foi o primeiro ufanista. Também pudera: em 1500 tudo ainda estava para ser destruído (RESENDE, 2011, p. 15).

Após a viagem com o autor da Carta do Descobrimento, na leitura da crônica chega-se à 1981, e então para voltar ao ano de 1991 – há apenas alguns dias da publicação crônica: “Há dez anos, em 1981, para celebrar o Dia do Trabalho, houve a explosão do Riocentro. Planejada em segredo, ao contrário da implosão de ontem em São Paulo [provavelmente a implosão de prédios em Carapicuíba (SP)], vem agora a furo a farsa do inquérito militar. Dá até vergonha de ser brasileiro (RESENDE, 2011, p. 15). Já na primeira crônica há mostras do tom crítico e cético do autor para com a realidade e a história brasileira. O final da crônica, traz muito da esperança do escritor, que durante os anos 1980, talvez, busca-se um recomeço –

agora, como cronista, encontrado: “Maio, porém, está aí. 1º de maio: bom dia para começar. Ou recomeçar” (RESENDE, 2011, p. 15).

Nasceu dessa maneira a colaboração de Otto Lara Resende, no final da vida, no jornal *Folha de S.Paulo*. Nas linhas que tinha disponível, o autor vai de sua simples apresentação como novo cronista da publicação à uma viagem pela história mundial e brasileira, citando vultos desses diversos momentos. Percebe-se, logo nesse primeiro escrito uma grande gama de informações e que, com tom simples e sóbrio, informa o leitor sem deixar de temperar o texto com passagens espirituosas e bem humoradas. Assim, é possível, de modo geral, apontar essa como base de seus escritos. É claro que com a quantidade de textos escritos e publicados pode haver variações. O mesmo vale para os próprios temas, que como visto, são dos mais variados. Dentre outros, a língua portuguesa – usos, palavras, modismos – pode ser apontada como um. Em uma esfera mais distante pode-se apontar uma fase zoológica de Resende, que tratou de diversos animais inclusive do desaparecimento de seu querido gatinho Zano.

Na crônica “Peritos e Falsários” (08/03/1992), é possível notar que o autor parte de algo factual, “Não sei até onde a jurisprudência brasileira aceita como prova incontestável gravação de fita, como essa que agora incrimina o [ministro do Trabalho do governo Collor, Antônio Rogério] Magri” (RESENDE, 2011, p. 58), para voltar no tempo e relembrar o “episódio histórico das cartas falsas do [Arthur] Bernardes” (RESENDE, 2011, p. 58). Insultos aos generais teriam sido escritos pelo citado em cartas. Para verificar a autenticidade dos escritos, estes foram levados à Europa. Lá, foram examinados por diversos peritos. Como informa Otto Lara Resende: “Quem levava as cartas era o jovem Virgílio de Melo Franco, que tinha saído do Rio em fevereiro. Só voltou em agosto” (RESENDE, 2011, p. 59). Depois disso, o cenário brasileiro era polêmico:

Aqui, [Virgílio] encontrou a controvérsia pegando fogo. Estava pior do que antes, no dia de sua partida. O *Correio da Manhã* liderava a grita pela autenticidade das cartas. O racha foi mais fundo. De um lado, bernardistas juravam pela falsificação. Do outro, antibernardistas berravam que tudo era verdade. Setenta e um anos passados, qual a conclusão? Depende do historiador. A maioria entende que as cartas eram falsas mesmo (RESENDE, 2011, p. 59).

Esse é mais um exemplo da volta do passado histórico brasileiro para ilustrar e – porque não – mostrar a repetição em certos graus de algumas situações

históricas. O cronista não ignora o factual: naquele período, os diversos acontecimentos no governo Collor. Porém, não se atém apenas a isso. A partir desses acontecimentos busca resgatar a história e a memória brasileira. Em várias crônicas é possível notar esse caminho – novamente uma tentativa de apontar certa fórmula em seus escritos: algo da atualidade pode servir de gatilho para abrir o baú da história brasileira e também seu próprio baú de memórias. No final de “Peritos e falsários”, o escritor mineiro menciona que “[...] há outras cartas em nosso passado político. Mais recente, a carta de Brandi, por exemplo. Pretendia incriminar o Jango Goulart” (RESENDE, 2011, p. 58). Interessante notar como o cronista ao listar alguns momentos semelhantes já abre diversas possibilidades de temas possíveis de serem trabalhados em outros de seus textos.

A menção de João Goulart, por exemplo, gerou cinco meses depois uma crônica chamada “Timbrada, mas falsa” (07/08/1992). O texto guarda semelhanças com o texto comentado anteriormente: ambas tratam de falsificações. Essa trata de carta – supostamente escrita por Antônio Jesús Brandi, deputado argentino – endereçada à João Goulart. Aparentemente, tratava de um plano de subversão em que “armas entrariam por Uruguiana e se destinavam às brigadas operárias de choque” (RESENDE, 2011, p. 63). Conforme conta Otto Lara Resende, Carlos Lacerda lançou mão da carta para prejudicar a imagem dos candidatos à presidência: Goulart era vice de Juscelino Kubitscheck. O cronista faz uma interessante observação nessa crônica, que releva também a relação do que se escreve e, por conseguinte a história/memória: “Estou escrevendo e pensando: ‘Puxa vida, conheci esse povo todo’. Entrevistei um por um. Até parece que sou um sobrevivente, cruz-credo!” (RESENDE, 2011, p. 58). Nota-se assim, que quando escreve sobre a história brasileira, pode-se esperar, em diversas situações relatadas, uma relação direta ou indireta do cronista com os fatos e os personagens envolvidos – a escrita, os acontecimentos, a história brasileira, os vultos desse passado, a memória, a experiência – enfim, todos esses elementos tem forte relação com a carreira da vida toda de Otto Lara Resende: a de jornalista. A carta mencionada na crônica acabou por ser falsa, como o título do texto adiantava:

Dias depois, a perícia concluiu que era uma contrafação. Grosseiro embuste, tinha sido uma patranha de Cordeiro & Malfussi. Dois notórios falsários, que foram presos e racharam o bico. [...] Não terá sido esta a primeira, nem infelizmente será a última maracutaia do gênero. Mas pelo

menos foi desmascarada. É um antecedente animador. É só querer, que tudo se apura (RESENDE, 2011, p. 64).

É ao resgatar o passado que se pode ter, talvez, um pouco de esperança de que as situações atuais com paralelos em acontecimentos de outros tempos poderão ser resolvidas e os culpados/inocentes devidamente apontados. Não se sabe até o querer, apontado pelo cronista é de interesse dos indivíduos que detêm os poderes, nos mais diversos períodos da política brasileira.

Algumas crônicas tem relação com a história, mas contam com um caráter mais memorialista. É o caso de “Outro dia, há trinta anos” (23/08/1991). No texto, o cronista relata um encontro dele – acompanhado por mais duas pessoas, uma deles Herbert de Souza, o Betinho – com Jânio Quadros que “tinha retornado da Europa, da viagem que fez logo depois da renúncia (RESENDE, 2011, p. 310)”. Aqui, não há tanto o resgate dos fatos políticos vinculados à história do Brasil – Otto Lara Resende traz algo mais memorialístico e relata impressões. Uma amostra de tais observações:

Não falávamos do episódio da renúncia. A pauta era uma espécie de exame vago: o Brasil do futuro. O ambiente modesto não favorecia nenhuma espécie de formalismo. Havia no ar uma corda esticada. Uma tensão. Vi logo que ia se frustrar qualquer expectativa de que Jânio fizesse alguma revelação objetiva. Quando falava, e falava quase sempre, o ex-presidente não descia dos seus conhecidos recursos retóricos (RESENDE, 2011, p. 310).

Resende registra que o político reservava na conversa, grande atenção à Betinho: “Estava em jogo o Brasil. O futuro. Falar no futuro era falar na mocidade, no papel que lhe cabia. Betinho voltava ao ponto de partida, à organização do povo. E às reformas. As urgentes reformas” (RESENDE, 2011, p. 311). O escritor relata que depois da saída de Betinho do local, Jânio Quadros mudou a postura, o que “permitiu que a conversa se situasse num plano mais coloquial. Já não havia convencionalmente obrigatória interlocução da juventude estudiosa” (RESENDE, 2011, p. 311). Contraste, portanto, entre o velho e o novo, o futuro e o passado.

Vale notar que nesses resgates de cunho mais memorialista, há possibilidade de se ter contato com o lado menos formal, imponente, glorificado do poder: a face e o perfil mais humanizado de uma figura pública. Como se observa no trecho a seguir:

Mais um pouco e saímos os três. Na calçada, um cego esperava o sinal. Jânio tomou-o pelo braço e o guiou até o outro lado da praça. Até onde me lembro, o gesto não chamou a atenção de quem passava na rua. Recente renunciante Jânio ainda despertava muita curiosidade. Mas entrou dozinho no carro e partiu (RESENDE, 2011, p. 311).

Como mencionado, são passagens como essa que trazem um sabor especial à várias dessas crônicas – uma vez que, momentos assim não apareceriam em uma escrita da História talvez mais formal, oficial.

Na crônica “Quem ri primeiro” (07/09/1991), o cronista comenta uma imagem de Collor. Segundo Resende, o então presidente “dava uma gostosa gargalhada daquelas de gargarejo, de virar a cabeça para trás até encostá-la nas costas” (RESENDE, 2011, p. 360). E comenta em tom crítico: “O país do jeito que a gente sabe e o presidente rindo às bandeiras despregadas” (RESENDE, 2011, p. 361). Apesar disso, o cronista diz ter gostado da imagem, talvez pela ironia: “Tem crise, sim, mas o presidente está rolando de rir” (RESENDE, 2011, p. 361). E continua com a carga crítica:

Rir faz bem à saúde. Num país enfermiço, cheio de mazelas, que ao menos o presidente tenha um momento de ovante satisfação. Além do mais, era domingo. Cumprido o dever religioso, caíram bem a folga e o riso. Anos atrás, nunca que ninguém ia ver um presidente assim espojado à vontade, em trajes quase menores. E gargalhando. Se não me engano, gargalhada era até falta de educação (RESENDE, 2011, p. 361).

Nota-se nesse texto uma abordagem mais crítica e irônica para com o período político da época. E percebe-se que o registro serve de gatilho para o resgate da história. A relação entre os presidentes e o riso em público:

Getúlio foi quem inaugurou a gargalhada. Era um homem fechado e de raro em raro, charuto em punho, soltava o riso. JK era risonho. Os generais pós-64, que nada. Nem sorriam. O Jânio não sabia rir. O Bernardes, o Washington, o Prudente eram todos circunspectos. [...] Gostei da gargalhada do Collor. Pode ser saúde ou doideira, mas gostei (RESENDE, 2011, p. 361).

Dessa forma, nota-se que é recorrente nas crônicas buscar o lado curioso da história. Tal abordagem combina com a enorme liberdade que a crônica proporciona ao seu autor. Otto Lara Resende faz um ótimo uso da ferramenta para falar do momento e do passado, com recortes de tom curioso. Em outro texto, por exemplo, o aspecto mencionado da política são os presidentes e o uso, ou não, de barbas.

Na crônica “Fantasia de onipotência” (01/04/1992), Resende traça um paralelo entre o governo de Getúlio Vargas e de Fernando Collor. Fica-se sabendo da demissão de um ministro de Vargas que, em viagem, se encontrava na Europa, à viagem. Situação desagradável na visão do jornalista: “Uma deselegância, demitir um ministro no Exterior. Numa época de telefone precário, sem fax e sem avião a jato. Um caso sem precedentes” (RESENDE, 2011, p. 359). Porém, interessante notar que o caso tenha dado brecha que tal acontecimento se repita. Novamente, a crônica aqui, funciona como ponte entre o passado e o presente da política brasileira para mostrar ao leitor que a história se repete mesmo em tal detalhe que possivelmente passaria despercebido: a demissão de um ministro do governo de Getúlio Vargas. Lê-se, portanto, que situação parecida aconteceu em 1991, conforme relata o cronista:

Vinte e nove anos depois, o ministro Francisco Rezek soube agora de sua demissão em Nova York. Também em missão oficial. O DDI pelo menos impede o trauma do fato consumado. E quem sabe Rezek pode voltar ao Supremo, no lugar de Célio Borja (RESENDE, 2011, p. 359).

E Resende mostra forte tom crítico em relação ao governo pela sua, talvez, prepotência – um convencimento fomentado por um suposto poder sem limites. Vale registrar que, o cronista, não apenas faz os resgates de acontecimentos da história para reflexão da atualidade como também distila um agudo senso crítico para com a realidade política brasileira. O cenário político aparentemente muda de atores, mas os fatos se repetem. Conforme a crônica:

Em 1990, o jovem Collor empossou o ministério com a declaração de que iria até o último minuto de seu governo. Uma audácia. Estendeu sobre os ministros o manto protetor de seu milionário mandato de cinco anos. E fez questão de se dizer responsável por tudo que fizesse cada um deles (RESENDE, 2011, p. 360).

Esse discurso de Collor, cheio de certezas, é o alvo da crítica do cronista, que volta sua pena para a própria vivência e relata no fecho da crônica, marcante fala de Getúlio Vargas ao repórter Otto Lara Resende. Segue o relato:

Em 1946, Getúlio chegou ao Rio eleito senador. Hospedado na avenida Rui Barbosa, em casa de Amaral Peixoto, teve um dia tumultuado. Obra do acaso e de um eficiente chefe de reportagem, entrevistei-o a sós. Ouvia sereno as perguntas e a minha conversa, a que não faltava uma ponta de juvenil petulância. Mas Getúlio até me deu corda. Falávamos do Estado

Novo. Foi quando, mão no meu ombro, sentenciou? 'Tu ainda és muito jovem para saberes que um ditador não pode tudo'. Quem no mundo pensa que pode tudo?, me pergunto hoje. Resposta: o Collo-1990 (RESENDE, 2011, p. 360).

Nota-se o forte tom crítico do cronista para com a atualidade e a forma de usar suas memórias que está ligada a história do Brasil – isso é ilustrada com o relato mencionado sobre a fala de Getúlio Vargas sobre ditadura e sobre o poder de um ditador. Chama a atenção, a figura do cronista que foi jornalista a vida toda e pode ter essas e outras falas marcantes de diversos vultos da política brasileira. Resende cria assim uma análise do então governo presidencial: partindo do resgate da história, faz-se essa relação entre um fato passado e a atualidade, para encerrar com a marcante entrevista que fez com Vargas – somando assim, também a memória do cronista, a tinta autobiográfica. Torna-se interessante, na leitura das crônicas, voltar as atenções para o quanto há de história, de memória e do presente, da atualidade nos textos. Como esses elementos muitas vezes se misturam com um fato servindo de gancho para outro e assim por dia, fazendo uma costura temporal. Tem-se um mosaico com diversos acontecimentos em uma crônica que não é extensa. Isso se soma à linguagem da crônica: é um contar de histórias, uma conversa entre amigos – vale ressaltar que muito se relaciona a crônica com o cotidiano e, por conseguinte à conversa informal do dia-a-dia. Dessa maneira, forma-se e informa-se sobre a história brasileira por meio da crônica. Que serve, não só para ficar fixa nos temas e assuntos tratados como também pode ser veículo para viagens na memória, nas lembranças, na biografia e na história. Esse volta ao passado, como visto, é algo caro à forma mais embrionária de crônica, quando esse tipo de texto foi utilizado por Fernão Lopes para registrar o passado do reino português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Otto Lara Resende – com suas diversas facetas, seja jornalista, professor, escritor, adido cultural, mineiro – é figura marcante na cultura brasileira. O quanto cada uma dessas faces ajudou a formar a persona do autor. Soma-se a isso, a personalidade com suas frases marcantes que tanto impressionaram e impactaram o amigo Nelson Rodrigues, e que levaram o dramaturgo a homenagear o escritor mineiro em nome de peças e também o colocando como personagem de romance. A parte disso, no viés jornalístico de sua vida, teve essa ocupação por toda a vida e foi ela que possibilitou o contato com diversas figuras públicas nos mais variados graus de proximidade. Em suma, esse é o indivíduo que assumiu a função de cronista no jornal *Folha de S.Paulo*, no final da vida. O jornalista e escritor que se tornou um cronista tardio.

Na análise proposta, pode-se notar em diversas crônicas a presença do passado no viés histórico, memorialístico e também autobiográfico. Isso torna suas crônicas nesse segmento ainda mais interessantes pois o indivíduo que as escreve é alguém, que como mencionado, viveu a maioria dos acontecimentos e/ou teve proximidade com os atores envolvidos. Resende pode usar a crônica para mostrar as repetições que a história nos mostra, na política brasileira, por exemplo. Figuras públicas da história brasileira também são tema de algumas crônicas, sendo mencionadas diretamente ou apenas citadas. Nesse ponto também se encontra o lado memorialístico, em que o cronista resgata passagens de sua trajetória. Um exemplo é o encontro de Resende com Jânio Quadros, por exemplo, tempos depois de sua renúncia – interessante o registro da figura pública longe dos holofotes e do auge da popularidade, para algo mais humano, corriqueiro, mundano.

Portanto, pode-se apontar a crônica, como mostrou Otto Lara Resende como algo realmente maleável. Os temas podem ser os mais variados. E o gênero pode servir como instrumento para a crítica dos acontecimentos, o comentário, o resgate da história e também o registro do presente que logo se torna passado e consecutivamente elemento integrante da história do Brasil. Resende tinha certo receio de, ou parecer alienado com o factual, ou soar reminescente de mais. Uma possibilidade por ele encontrada foi unir, portanto, o passado e o presente. Investigar e analisar o presente voltando-se para o passado: talvez haja nisso um

equilíbrio, ao evitar que a balança pese mais para um dos dois lados dessa preocupação do autor.

Também se percebe a crônica como veículo para que a história possa ser aprendida e para tanto lida. Alia-se o fator tema – entre outros a história brasileira – com a linguagem do texto, nesse caso a crônica, que tem como base a tinta da simplicidade: espera-se que seja uma conversa entre o cronista e o leitor. Tal mistura pode ser bem proveitosa e benéfica, pois alia-se o conhecimento dos fatos históricos escolhidos por Resende com a linguagem clara, simples e direta. Vale lembrar que o autor tinha grande preocupação com a forma de sua escrita e buscava perfeccionismo ao extremo. No caso do escritor, não se pode dizer que por se tratar de crônicas – linguagem simples, texto mais curto – a missão de escrever fosse algo mais fácil do que outros escritos por exemplo. Vale lembrar a preocupação das discussões teóricas da historiografia de buscar novas formas de registrar a história – beber na fonte literária, trazer uma escrita mais narrativa, enfim, algo que seja diferente do padrão rígido e extremamente formal e que fosse agradável e atraente de se ler.

Isso se liga a outro ponto interessante e talvez um dos méritos das crônicas: a possibilidade de que a história chegue a leitores que não teriam contato com ela de outra forma. Ou também, que possa ter atingidos leitores já interessados no tema, mas que desconheciam muitos dos fatos trazidos pelo escritor, que em diversas crônicas também trazia o viés mais curioso da história brasileira, fugindo do padrão da história oficial didática/escolar para a abordagem na tradição dos antigos almanaques de curiosidades.

Ao mesmo tempo, tem-se a impressão ao buscar a biografia do autor, que as crônicas podem servir para organizar e passar em revista todos esses momentos. É significativo o momento de melancolia e reflexão que o cronista viveu durante os anos 1980, antes de iniciar a colaboração no jornal. A oportunidade, portanto, trouxe uma lufada de força para um reinício de Otto Lara Resende tanto no aspecto profissional e pessoal. É uma nova fase que o possibilitou, dessa forma, a revisitar seu extenso baú de memórias: fatos, pessoas, locais, sensações, sentimentos. Tal fato também se torna significativo quando se leva em consideração que quase dois anos depois ele faleceria.

Com a leitura das crônicas de Otto Lara Resende o leitor tem contato com textos extremamente ricos em conteúdos informativos e de leitura fácil e acessível.

Como mencionado, pode servir como uma viagem para diversos destinos do passado brasileiro e da própria trajetória traçada pelo seu autor: os dois elementos se misturam. É o jornalista na sua última missão: conversar com seu leitor sobre temas dos mais variados: história, mudanças, novos comportamentos, o Rio de Janeiro, a língua portuguesa, os animais, os amigos literários. Tudo isso no melhor estilo mineiro: a conversa era um dos grandes atributos desse cronista tardio.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BENDER, Flora C.; LAURITO, Ilka B.. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.
- BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CASTRO, Ruy. **Ungáua!**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- MEDEIROS, Benício. **Otto Lara Resende: a poeira da glória**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- RESENDE, Otto Lara. **Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RIBEIRO, Renato J. O risco de uma nova ortodoxia. **Revista USP**, n. 23, p. 6-13, 30 nov. 1994.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2005.
- TV Cultura Digital**. Carlos Drummond de Andrade. 2011. (24m44s). Disponível em: <<https://youtu.be/kMZHoLdfLVo>>. Acesso em: 25 mai. 2019.
- WERNECK, Humberto. Otto cronista: humor e compaixão. In: RESENDE, Otto Lara. **Bom dia para nascer: crônicas publicadas na Folha de S.Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.